



O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA AUTISTA

THE ROLE OF THE NURSE IN ASSISTANCE TO THE AUTISTIC CHILD

Cássio Monteiro de Araujo¹
Joabes de Souza Nascimento²
Wanderson Lima Dutra³
João de Souza Pinheiro Barbosa⁴
Ronaldo Nunes Lima⁵

¹Acadêmico de Enfermagem. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: cassiomonteiro.89@gmail.com

²Acadêmico de Enfermagem. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: joabesdesouza@gmail.com

³Acadêmico de Enfermagem. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: wanderson.dutra18@gmail.com

⁴Doutorando em Ciências e Tecnologia em Saúde pela Universidade de Brasília – UnB. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: jsjb06@gmail.com

⁵Mestrando em Ciências e Tecnologia em Saúde pela Universidade de Brasília – UnB. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: ronaldo10df@yahoo.com

Resumo: Autismo é um distúrbio neurológico caracterizado por comprometimento da interação social, comunicação verbal e não verbal e comportamento restrito e repetitivo e no uso da imaginação podendo ser percebido em alguns casos, já nos primeiros meses de vida. O fenótipo desses pacientes varia muito, abrangendo indivíduos com deficiência intelectual grave ou indivíduos com coeficiente de inteligência normal, esses podem apresentar outras comorbidades. A falta de conhecimento por parte desses profissionais pode prejudicar o seu desenvolvimento. Este estudo objetivou mostrar a importância do papel do enfermeiro na assistência à criança autista. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com trabalhos publicados entre 2010 a 2018, nos bancos de dados do Ministério da Saúde e da associação de amigos do autista (AMA). Portal BVS, Scielo e Revistas, das quais foram utilizados 15 Artigos, 2 cartilhas e 1 manual técnico, também foram utilizados os descritores: autista, autismo infantil, enfermagem, transtorno do espectro autista. No Brasil não existem dados oficiais sobre a prevalência do autismo. Segundo o *Center of Diseases Control and Prevention*, atualmente, há apenas um caso de autismo em cada 110 pessoas no mundo. Dessa forma, estima-se que o Brasil, com seus mais de 200 milhões de habitantes, possua cerca de 2 milhões de autistas. Dentre os profissionais envolvidos na assistência de saúde à criança autista, o enfermeiro é o primeiro e quem tem maior contato com esse paciente.

Palavras-chave: autista, autismo infantil, enfermagem e transtorno do espectro autista.

Abstract: Autism is a neurological disorder characterized by impairment of social interaction, verbal and nonverbal communication, and restricted and repetitive behavior and in the use of the imagination, which can be perceived in some cases, even in the first months of life. The phenotype of these patients varies greatly, covering individuals with severe intellectual disability or individuals with normal intelligence, who may present other comorbidities. The lack of knowledge on the part of these professionals can hinder its development. This study aimed to show the importance of the role of nurses in autistic child care. This is a bibliographic review research with papers published between 2010 and 2018, in the databases of the Ministry of Health and the association of autistic friends (AMA). VHL, Scielo and Magazines Portal, of which 15 articles, 2 booklets and 1 technical manual were used, the following descriptors were also used: autistic, autism, nursing, autism spectrum disorder. In Brazil there are no official data on the prevalence of autism. According to the Center for Diseases Control and Prevention, there is currently only one case of autism in every 110 people in the world. Thus, it is estimated that Brazil, with its more than 200 million inhabitants, has about 2 million autists. Among the professionals involved in health care for autistic children, the nurse is the first and who has the most contact with this patient.

Keywords: autistic, child autism, nursing and autism spectrum disorder.

Introdução

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V), o transtorno do es-



pectro do autismo (TEA) é um distúrbio neurológico caracterizado por comprometimento da interação social, comunicação verbal e não-verbal, pelo comportamento restrito e repetitivo e no uso da imaginação. Essas alterações podem surgir em idades muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade e podem ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida [1].

Segundo dados do *Center of Diseases Control and Prevention*, órgão ligado ao governo dos estados unidos, atualmente, há apenas um caso de autismo em cada 110 pessoas. Dessa forma, estima-se que o Brasil, com seus mais de 200 milhões de habitantes, possua cerca de 2 milhões de autistas. Sendo estes entre 400 e 600 mil menores de 20 anos e entre 120 e 200 mil menores de 5 anos. Contudo, apesar de numerosos, os milhões de brasileiros autistas ainda sofrem para encontrar tratamento adequado [2,3].

O TEA é responsável por um padrão de comportamento restrito e repetitivo, mas com condições de inteligência que podem variar do retardo mental a níveis acima da média. Essas características atingem 0,6% da população mundial, sendo quatro vezes mais comuns em meninos do que em meninas [4].

Embora definido por estes principais sintomas, o fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com Deficiência Intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais, até indivíduos com Quociente de Inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente. Esses indivíduos também podem apresentar uma série de outras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e epilepsia [3].

O autismo, devido às características supracitadas, pode ser confundido com outras doenças neuropsiquiátricas como: Esquizofrenia, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, retardo mental, fator que dificulta muito o seu diagnóstico. Para facilitá-lo, o DSM V, elimina os subtítulos do Autismo. Atualmente os indivíduos são diagnosticados em um único espectro, porém em diferentes níveis, de acordo com a gravidade dos sinais e sintomas, desta forma a síndrome de Asperger não é mais considerada uma subcategoria do autismo [5].

A maioria dos indivíduos com TEA tem deficiência intelectual que varia do grau leve ao severo com deficiência linguística associada. O DSM-V, estabelece que eles podem ser classificados de acordo com a gravidade e o grau de comprometimento do distúrbio, analisando o nível de deficiência intelectual, linguística e o grau de dependência desse indivíduo. Sendo assim, devem ser classificados em: Nível 1 ou leve àqueles que necessitam de pouco suporte, com dificuldade na comunicação, porém sem limitações na interação social; nível 2 ou moderado necessitam de suporte praticamente não se comunicam e tem deficiência de linguagem; nível 3 ou severo necessitam de maior suporte apresentam um déficit grave na comunicação verbal, na interação social, tem cogni-

ção reduzida, tendem ao isolamento social e não conseguem lidar com mudanças [1].

Este estudo tem por finalidade mostrar do papel do enfermeiro na assistência à criança autista, com o objetivo de avaliar a importância desse profissional na consulta de enfermagem e na assistência prestada à criança com autismo, pois devido ao pouco conhecimento dos sinais e sintomas para o risco de autismo, prejudica a percepção deles pela enfermagem. Sendo assim, é necessário buscar formas e meios para auxiliar a assistência prestada a família e a criança autista.

Matérias e Métodos

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, com busca em base de dados eletrônica como: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), além de banco de dados do Ministério da Saúde e Publicações em Jornais e Revistas de saúde (Revista gaúcha de enfermagem, Revista científica interdisciplinar, Index e Revista multidisciplinar), que tratam do tema, abrangendo publicações entre os anos de 2010 a 2018, disponíveis na língua portuguesa e inglesa. Na busca retrospectiva foram utilizados os Descritores em Saúde Coletiva (DeSC); Autismo, Autismo infantil, Cuidados de Enfermagem, Transtorno do espectro autista. Para a inclusão dos artigos no estudo foi estabelecido os seguintes critérios: Artigos Indexados nas Bases de dados eletrônicos descritas previamente, terem sido publicados entre os anos de 2014 e 2018, em língua portuguesa e Inglesa e que demonstraram relevância com o tema abordado no referido estudo. Excluiu-se desse estudo os artigos que não abordaram o tema cuidado de enfermagem a criança autista, artigos duplicados e que não se enquadram nos critérios de inclusão.

Resultados e Discussões

A primeira infância é considerada uma fase da vida, em que ocorre o amadurecimento e desenvolvimento psicossocioemocional do ser humano e inúmeras mudanças anatômicas e fisiológicas. Dentre as alterações, o TEA está incluso como distúrbio neuropsicológico. O enfermeiro por ser o um dos profissionais envolvidos na saúde infantil desempenha seu papel nos procedimentos de triagem, designados para identificar e avaliar o desenvolvimento da criança através da consulta de CD, sendo ele um dos primeiros contatos desse paciente. Desempenha um importante papel na identificação inicial dos sinais e sintomas de risco para TEA [6].

Crianças com TEA, já nos seus primeiros meses de vida apresentam sinais e sintomas como: isolamento social, hipersensibilidade, hipoatividade, hiperatividade, irritabilidade, ecolalia, movimentos repetitivos e estereotipados, dificuldade de sair da rotina e dificuldade de manter contato visual e gestual. O



autor afirma que os problemas quanto as compreensões da linguagem nessas crianças são graves, devido à demora no desenvolvimento da fala. Quando começam a falar, elas fazem o uso de pronomes inadequados, suas respostas são sempre atípicas a estímulos visuais ou auditivos, pois há uma incapacidade de interação social tanto corpórea quanto verbal. Desta forma o contato com pessoas que não são do seu convívio não se estabelece somente por meio da fala. O enfermeiro deve estar atento a essas características e assim buscar formas e meios de estabelecer uma inter-relação que transmita confiança e segurança a essa criança e assim criar um vínculo com ela [7].

De acordo com as diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com o transtorno do espectro do autismo o MS preconiza que durante a consulta de enfermagem frente à criança com suspeita de TEA, o enfermeiro poderá fazer uso de alguns instrumentos para rastreamento de indicadores clínicos das alterações do desenvolvimento que sinaliza disfunções para o transtorno como: o IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento) e o M-Chat (*Modified Checklist for Autism in Toddlers*).

É importante que o enfermeiro esteja atento ao crescimento e desenvolvimento da criança, pois sua percepção como profissional ajudará na descoberta precoce do autismo [8, 9].

A evolução dos sinais e sintomas de TEA ocorrem das seguintes maneiras [9]:

Do nascimento até os 15 meses

- Problemas e dificuldades de alimentação e amamentação;
- Apáticos, não mostram desejo de afeto e carinho;
- Choram muito, ou não choram;
- Não tem interesse por pessoas e pelo ambiente;
- Medo incomum de estranhos;
- Apresentam os movimentos repetidamente como;
- Balançam as mãos;
- O interesse por determinados objetos, aparelhos e jogos obsessivamente;
- Não gostam que se mude o ambiente físico insistindo no seu desejo;
- Sono prejudicado.

Dos 18 meses aos 2 anos

- Dificuldade de higiene e controle de esfíncteres;
- Na alimentação tem preferências estranhas;
- Podem apresentar ausências da fala ou atraso.

Após os 2 anos

- A dificuldade de fala permanece, ocorrendo repetições de palavras;
- Persistem os problemas de controle dos esfíncteres e dos hábitos de higiene;

- Apresentam incapacidade para jogos comuns;
- Podem apresentar habilidades motoras e musicais;
- Insensibilidade à dor.

As causas do autismo são desconhecidas, mas alguns estudos apontam que a origem esteja ligada a anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva. Provavelmente, de origem genética e ambientais, algumas infecções e uso de determinados medicamentos durante a gestação, tem papel no desenvolvimento do TEA, estima-se que de 50 a 90% dos casos sejam hereditários. No entanto, um estudo da Universidade de São Paulo (USP), liderado pela neurocientista Patrícia Beltrão Braga em 2018, diz que umas inflamações em células cerebrais chamadas de astrócitos podem estar associadas ao desenvolvimento de uma forma grave desse transtorno [3,10].

Quesitos extrínsecos como o alcoolismo, a drogadição e o uso de alguns fármacos durante a gestação podem influenciar no desenvolvimento cortical do bebê. Baseado em estudos realizados nos últimos 17 anos, o autor aponta que fatores ambientais, infecções, diabetes gestacional a partir da 26ª semana, idade paterna acima dos 40 anos e idade materna acima dos 35 anos, representam risco para o TEA. Embora, muitas vezes, correlacionadas pelos pais de portadores de autismo, não existe nenhuma comprovação científica de que vacinas como a da rubéola estejam ligadas ao surgimento desse transtorno [11].

O diagnóstico de TEA é apenas clínico, ainda não há exames laboratoriais ou de imagem que possam detectar seu aparecimento. A falta de conhecimento sobre o TEA por parte dos profissionais de enfermagem pode trazer prejuízos ao desenvolvimento e ao tratamento da criança [12].

Quanto mais precoce o diagnóstico, melhor o prognóstico e que o planejamento do tratamento deve ser estruturado de acordo com as etapas de vida do paciente. Nesse contexto é importantíssimo o papel do enfermeiro, pois, cabe a ele, intervir frente a esse transtorno e prestar assistência à criança e a família. [13,14].

O enfermeiro deve ter conhecimento teórico científico o suficiente para conseguir identificar precocemente os sinais evidentes de autismo, pois sendo este o profissional que acompanha por mais tempo esse paciente, tal conhecimento tem importância significativa na investigação e na observação minuciosa diante da avaliação clínica e da assistência destinada a família e a criança, com relação aos cuidados com crianças autistas, o enfermeiro deve saber orientar os pais no que diz respeito à interação social e prestarem os cuidados necessários no que se refere ao acompanhamento e o tratamento adequado para os autistas [15,12].

Nos chama a atenção o risco da comunicação precipitada do diagnóstico de TEA, ele afirma que por



ser uma perturbação psíquica e cognitiva, o autismo pode ser facilmente confundido com outras patologias, o que dificulta muito o seu diagnóstico. A descoberta de que tem um filho com TEA nem sempre é aceita pelos pais, é importante que haja uma investigação minuciosa dos sinais e sintomas desse transtorno por uma equipe multiprofissional antes de informar a família. Por tanto é necessário que a comunicação seja feita de maneira cautelosa. E o enfermeiro tem papel fundamental nesse processo, ele deve ter conhecimento suficiente para diferenciar o autismo de outras síndromes, saber orientar, dar apoio, estar atento aos sinais e sintomas, além de proporcionar a assistência de enfermagem ao portador de autismo e seus familiares, visando o melhor tratamento e qualidade de vida para ambos [16].

O impacto de um diagnóstico de TEA pode propiciar a sensação de luto em uma família, assim como o sentimento de negação e culpa, especificamente entre os pais. Esses sentimentos se tornam mais intenso devido à falta de conhecimento sobre esse transtorno por parte dos familiares, causando assim a perspectiva da perda definitiva do filho. Ainda segundo o autor o impacto do diagnóstico se torna mais acentuado, por causa da demora na sua conclusão clínica. Enquanto ele não ocorre definitivamente, há a esperança de que o problema do filho seja algo simples ou transitório e passível de resolução [17].

O enfermeiro ciente do sofrimento psicológico enfrentado pela família como: depressão, culpa, tristeza e estresse, cabe a esse profissional orientá-los, deixando claro que a culpa do transtorno não é dos pais e que essa criança precisará de total cuidado e atenção de toda a família. Ele também tem fundamental na implementação do melhor cuidado e tratamento da criança autista e da sua família, dando apoio de forma a atender as demandas individuais, formando uma rede de apoio entre indivíduo, família e equipe de saúde [9].

Não existe tratamento medicamentoso para o TEA. Os fármacos receitados aos portadores de autismo geralmente são para tratar as comorbidades pertinentes desse transtorno como ansiedade, impulsividade, distúrbios alimentares e hiperatividade. O tratamento é terapêutico, de forma individualizada, concentrado nas principais dificuldade do transtorno, buscando o melhor desenvolvimento social desse paciente. Nesse contexto o enfermeiro deverá promover atividades de interação entre a família e a criança, estimulando o contato por meio de brincadeiras e atividades como a dança que auxilia muito o autista podendo envolver toda a família. Existem ou transforma sinterativas como: Pecs (*pictures communication system*), Teacch (*treatment and education of autistic and related communication handicapped children*) e a Equoterapia [18].

Conclusão

Por se tratar de uma condição de múltiplas causas, há o envolvimento de várias áreas de conhecimento com um objetivo em comum em seus estudos, fazer com que o autismo deixe de ser uma das síndromes mais desafiadoras dos dias atuais. É importante que o diagnóstico seja precoce para que se iniciem ações de promoção à saúde que permitam um bom desenvolvimento da criança, sendo assim, destaca-se o papel de uma equipe de saúde multidisciplinar que realize avaliações completas e esteja atenta a todos os tipos de reações desse paciente, uma vez que os sinais de autismo estão presentes desde muito cedo. Sendo assim, o enfermeiro tem o papel de ser agente de socialização, diante da criança autista, juntamente com a família, com o papel de educador.

Esclarecemos aqui a importância da assistência de enfermagem no cuidado e na identificação da criança autista, com um diagnóstico precoce e um tratamento adequado com a ajuda de uma equipe multidisciplinar o paciente poderá ter uma melhor qualidade de vida e uma recuperação considerável dependendo do grau da patologia.

De todos os profissionais da saúde envolvidos no acompanhamento da criança com autismo é de competência do enfermeiro o papel de perceber aos sinais e sintomas apresentados pelas crianças com suspeita de TEA, pois de todos profissionais envolvidos nesse processo o ele é o primeiro contato e o que passa mais tempo com esse paciente, é ele que desempenha a função de mediador entre a família e outros profissionais da área de saúde, encaminhando-os a uma equipe multiprofissional.

Corroboramos aqui a importância do enfermeiro adquirir conhecimento científico para avaliar a criança e a família, e assim dar o apoio necessário no que diz respeito aos cuidados com a criança autista. Sendo assim, o principal objetivo é cuidar, tanto do paciente quanto da família.

Para auxiliar os profissionais desta área na investigação de risco para TEA, existem alguns instrumentos de rastreamento e triagem de indicadores para o Transtorno do Espectro Autista, onde os mais comuns são o IRDI e o M-CHAT, dos 23 itens compostos no M-CHAT seis são específicos para risco de TEA, os demais mesmo não sendo específicos estão relacionados ao transtorno.

Lidar com criança autista certamente não é fácil, se tratando do sujeito com TEA se torna primordial o diálogo entre os envolvidos em seu processo de adaptação na sociedade, enfermagem e família. Portanto imprescindível compreender e aceitar seu grau de retraimento, de recusa ou de incapacidade para se comunicar, com isto devemos conhecer mais sobre o desenvolvimento dessa criança, tendo em vista que, a relação dos profissionais com a família é fundamental para o desenvolvimento do paciente com TEA permitindo avanços significativos no âmbito social e educacional.



Referências

- [1] *American Psychiatric Association (APA), DSM-5. Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. p. 50-59; 2014.*
- [2] Franciele ZO. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno pedagógico. 2015; 12(3):188-99. ISSN 1983-0882.*
- [3] Oliveira KG, Sartiè AL. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. *Einstein. 2017; 15(2):233-8.*
- [4] Mello AMSR. *Autismo Guia Prático. 8. ed. Brasília; 2003.*
- [5] Souza A, Alencar GAR. Autismo e síndrome de asperger: novas concepções. *Psicologia em Estudo. 2014; 19(1):103-14.*
- [6] Bortone ART, Wingester ELC. Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. *Rev Digital FAPAM. 2016; 7(7):131-48.*
- [7] Barbosa PAS, Nunes CR. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo, *Rev. Científica Interdisciplinar. ANO; 2(2):100-15. ISSN: 2526-4036.*
- [8] Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo. 1. ed. Brasília: Editora MS – OS 2014/0047.*
- [9] Carniel EL, Saldanha LB, Fensterseifer LM. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. *Pediatria (São Paulo) 2010; 32(4):255-60.*
- [10] Braga PCBB, Russo FB. Projeto: geração de células pluripotentes induzidas de pacientes com transtorno autista. *Bolsa de Doutorado. Universidade de São Paulo - USP; 2018.*
- [11] Norte DM. Prevalência mundial do transtorno do espectro do autismo: revisão sistemática e metátese [dissertação]. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre; 2017.*
- [12] Sousa AMBS, Sousa CS. Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista (TEA). *Rev Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. ANO; ISSN: 2448-0959 2017.*
- [13] Sila ASB, Lima AEVA, Silva EIM, Lima MA, Freitas SS, Santos JC. A valorização do enfermeiro diante do diagnóstico precoce da criança autista. *VII Mostra de pesquisa em ciência e tecnologia Devry Brasil, Fortaleza 2016, ISSN: 2238-2208, p.1-10.*
- [14] Melo CA, Farias GM, Silva OG, Silva JF, Lemos NJE, Silva PRDC. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. *Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem. 2017; 2(2).*
- [15] Silva AA, Fernandes MNF, Costa ACPJ, Fonseca LMB. O fazer do enfermeiro na assistência à criança autista. *Paranifo Digital. 2016; 10(25):1-10.*
- [16] Costa RR, Telo OP, Evaldo JG. *Autismo infantil: e a participação do enfermeiro no tratamento. Faculdade Ateneu Campus São Vicente. Fortaleza; 2018.*
- [17] Pinto RNM, Torquato IMB, Reichert NCAPS, Souza Neto VL, Saraiva AM. *Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Rev Gaúcha De Enfermagem. 2016; 37(3):1-9.*
- [18] Figueiredo J. *O autismo infantil uma revisão bibliográfica [Internet]. 2015; 1-39.*